

As Ilustrações de Van Til

Jim West

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Há um provérbio árabe que diz: “Aquele que fala melhor deve transformar os ouvidos dos homens em olhos”. Vemos esse aforismo demonstrado no ministério de Cristo, que fez uso freqüente de metáforas, símiles, e especialmente parábolas em Sua pregação pública e privada.

O emprego de linguagem colorida para iluminar a verdade bíblica pode ser uma questão enganosa, especialmente quando tentamos provar um ponto com uma ilustração. Na verdade, o melhor que os humanos podem fazer com uma ilustração é simplesmente isso, ou seja, ilustrar, mas não provar. Para provar, devemos depender de outro critério. Considere a ilustração convincente do teólogo Robert Dabney, que justifica a unidade da igreja, mas sem um mandato para união real e orgânica. Para fazer isso, ele apelou à cunhagem dos Estados Unidos. Existem *dimes*, *nickels*, *one-cent pieces*, *Morgan dollars*, *Double-Eagles*, etc.² Dessa forma, assim como há diferentes denominações de cunhagem e todavia uma nação, assim (ele argumentou) podem existir diferentes denominações de igrejas cristãs, e todavia uma Igreja. Ele argumentou a partir do seu *Paradigma da Cunhagem* a idéia de “unidade sem união”.

O exemplo de Dabney é convincente, mas não conclusivo. Ele apenas ilustra, e nada mais. Se quisermos dar autoridade absoluta às ilustrações, deveríamos considerar as ilustrações *contra* a fé cristã, também. A minha favorita é a de Richard Porson, um erudito clássico do começo do século XIX. Ele estava andando com um amigo trinitariano quando um buggy passou com três homens nele. “Olhe”, disse o amigo, “eis ali uma ilustração da Trindade”. Porson retrucou: “Não, você deve me mostrar um homem em três buggies – se puder”. A lição é que somente a própria Bíblia pode estabelecer infalivelmente a verdade da Trindade. A única exceção é quando o próprio Jesus faz uma ilustração; as ilustrações de Jesus *sempre* provam e ilustram simultaneamente.

Ora, quando avaliamos as ilustrações do dr. Cornelius Van Til com respeito à apologetica cristã, devemos sempre manter as regras declaradas

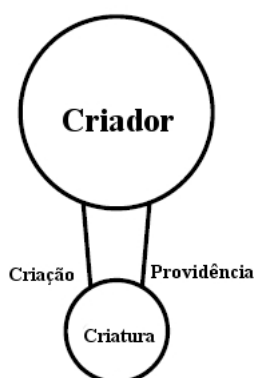
¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em maio/2008.

² Explicando: *dimes*=moeda de dez centavos de dólar; *nickels*=moeda de cinco centavos de dólar; *one-cent pieces*=moedas de um centavo de dólar; *Morgan dollars*=moeda dólar de prata rara, fabricada de 1878 a 1904, e mais uma vez no ano de 1921; *Double-Eagles*=moeda dólar de ouro, cunhada pela primeira vez em 1849, até que no ano de 1933 uma legislação tornou ilegal a cunhagem de moedas em ouro. (N. do T.)

previamente diante de nós. Van Til sempre provava antes de ilustrar; portanto, os exemplos que seguem devem ser vistos como ilustrações confirmatórias que seguem seus argumentos pesados e concludentes. Nenhuma dessas ilustrações permanece por si só. Elas são os cartógrafos que ocupam o campo após a cidade ter sido nivelada. Ou, melhor, elas são a artilharia de apoio que acompanha o ataque da infantaria que sozinha ganhou o campo.

Dois Círculos

Existe uma ilustração vantiliana famosa. Imagine dois círculos, e esses distinguem entre a criatura e o Criador (Rm. 1:25). O homem não é Deus; Deus não é o homem. O panteísmo (“tudo é Deus”) é uma mentira; o panenteísmo (“Tudo está em Deus”) é uma mentira; e o misticismo (o homem estando absorvido em Deus) é uma mentira. O homem é homem e Deus é Deus: dois círculos! A idéia grega que toda realidade é uma Cadeia de Ser sem fim, de forma que a única diferença entre o homem e Deus é gradativa, também é uma mentira. A música popular *The Circle of Life* de Elton John é espúria, pois visualiza somente um círculo. Existem *dois* círculos e esses dois círculos ilustram a distinção Criador-criatura. Isso é apologética vantilaiana básica.



Óculos Amarelados

O pecador nasce neste mundo abrigando em seu coração inimizade contra Deus (Rm. 8:7). Ele não é uma folha em branco, nem uma *tabula rasa*. Antes, quando ele enxerga, ele o faz através de óculos coloridos; seus olhos têm icterícia e tudo é amarelo para ele. Quando o crente olha para o céu estrelado, ele vê a glória de Deus. Quando o incrédulo olha, ele vê o Big Bang, a evolução e o acaso. Quando a princesa beija o sapo e ele se torna um lindo príncipe, o crente exclama: “Conto de Fadas”. Mas quando Darwin diz que os sapos tornam-se príncipes, os incrédulos chamam isso de “ciência”. Assim, é

impossível ser neutro; o entendimento do incrédulo dos fatos é distorcido por sua subjetividade ictérica.

O Deus Foguete

Um deus foguete é uma projeção da mente carnal dos homens. Todo quatro de julho,³ quando ficamos impressionados pelos fogos de artifícios, de forma que nossos olhos permanecem num transe celestial, logo somos trazidos de volta à realidade quando percebemos que o foguete foi *lançado dessa terra firme*. Van Til usou essa ilustração para mostrar como o deus dos teólogos neo-ortodoxos, que *parece* ser o mesmo Deus da Bíblia, foi na verdade lançado do Promontório do Cérebro. Assim, o Cristo de Karl Barth, que é coberto com uma roupagem ortodoxa, é uma entidade totalmente diferente do Deus verdadeiro da Bíblia. Van Til empregou a imagem do foguete para advertir evangélicos crédulos sobre os enganos cintilantes do Barthianismo. O Deus verdadeiro da Bíblia desce (do céu); o deus dos teólogos neo-ortodoxos, não importa quão espetacular, colorido e explosivo, sobe. Ele é um “deus do ventre”, mesmo que se apresente com o nome de Jesus (2Co. 11:4).

A Piralha que dá um Tapa na Face do seu Pai

Certa vez, quando ainda jovem, Van Til estava viajando num trem na Holanda e observou um pai com sua jovem filha sentada em seu colo. Aparentemente, o pai pedia que sua filha fizesse algo, quando ela subitamente deu uma tapa no rosto do seu pai. A aplicação de Van Til? O comportamento da menina ilustra os rebeldes que vivem no mundo de Deus e que são sustentados pela graça comum de Deus (Sl. 24:1). Eles estão sentados, por assim dizer, no colo de Deus, e é precisamente por estarem no colo de Deus que são capazes de desferir o tapa de ingratidão. Assim, os incrédulos que alardeiam sua própria independência e autonomia são capazes de fazê-lo somente porque são sustentados pelo próprio Deus (Jo. 19:10-11). Sua negação de Deus é a afirmação dEle. O ateísmo não invalida o teísmo, mas prova-o, porque o ateísmo é possível somente dada a premissa do teísmo. Como o ateu Nikita Khrushchev uma vez descreveu a União Soviética: “Na Rússia, *graças a Deus*, não existe nenhum Deus” (ênfase minha).

O Homem de Água

Talvez aludindo ao fundamento que é a marca da filosofia evolucionária, Van Til comparou a busca pela verdade do homem natural como fútil. Sua metáfora era vívida: o incrédulo é como um homem de água que permanece numa escada de água, num oceano de água infinitamente extenso e profundo, contra uma parede de água, tentando sair da água. “É tão sem esperança e sem sentido”, disse Van Til, “o quadro que emerge da metodologia do homem natural, baseada como ela está no pressuposto de que o tempo ou o acaso são fundamentais”. A analogia do homem de água mostra

³ Dia da Independência dos Estados Unidos. (N. do T.)

a futilidade de todo pensamento que não está ancorado na Palavra auto-atestadora de Deus. O próprio Darwin reconheceu inconscientemente isso quando perguntou que, se o homem evoluiu, quem lhe confiaria racionalmente à cosmovisão da mente de um macaco? Ele não era capaz de encarar a resposta óbvia à sua própria pergunta.

Os Patos Roubados

Na Holanda existia um jovem com um pai que era ladrão. O jovem freqüentemente chegava à escola, e, espontaneamente, deixava escapar: “Meu pai não roubou nenhum pato! Meu pai não roubou nenhum pato!” Recordativo do “parece-me que a dama faz protestos demasiados” de Shakespeare,⁴ a negação do garoto era uma admissão de culpa. A negação do garoto é como o filho que nas devoções familiares entrega sua irmã: “Maria não fechou seus olhos para orar!” Ou, como o Apóstolo Pedro que começou a amaldiçoar e jurar, dizendo: “Não conheço esse homem de quem falais!” (Mc. 14:71). Os pecadores são vulneráveis; eles tremulam como folhas e quando suas consciências são perfuradas com culpa, o próprio pensamento de patos roubados incita uma confissão preventiva da criminalidade deles.

Capital Emprestado

Há outra metáfora vantiliana excelente que ilustra a doutrina da graça comum, isto é, que Deus concede favores a justos e injustos. O incrédulo vive no mundo de Deus e até mesmo vive, se move e tem a sua existência em Deus, quer ele reconheça isso ou não (Sl. 24:1; At. 17:28). Todas as contribuições dos não-regenerados em literatura, ciência, matemática, etc., são capital emprestado do Banco do Céu (Jo. 3:27). Poucos imitam a honestidade teológica de Samuel Morse, que enviou o seu primeiro telegrama em 1844. O texto do seu telegrama dizia: “O que Deus tem feito”. Porque os homens são orgulhosos e rebeldes, eles recusam reconhecer a verdadeira fonte de sua riqueza. Como Nabucodonosor que se orgulhava não só do seu império, mas também das conquistas artísticas e educacionais do seu reino, ele pensa consigo: “Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com a força do meu poder, e para glória da minha magnificência?” (Dan. 4:30)

***Acredite Se Quiser*, de Ripley**

Van Til freqüentemente desafiava a apologética anêmica dos cristãos evangélicos que abrem mão de muita coisa no interesse de “ganhar” o incrédulo. Uma forma de isso ser feito é repudiando a Bíblia como um Livro dogmático e auto-atestador, que carrega testemunho infalível sobre a ressurreição de Cristo. Evangélicos poderiam dizer que “nenhum livro é auto-atestador”, ou que “as declarações da Bíblia não provam a si mesmas como sendo a Palavra de Deus”. Em vez disso, a Bíblia é apresentada como uma história (como qualquer outro livro de história), e suas doutrinas como

⁴ Em *Hamlet* (<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/hamlet.html>). (N. do T.)

verdades historicamente verificáveis, que podem ser provadas a homens com mentes *neutras*. Pensa-se que o incrédulo pode ser convencido da ressurreição de Cristo sobre a base de argumentos prováveis, a partir desse livro de história confiável. Van Til argumentava que mesmo se formos capazes de convencer o incrédulo da ressurreição de Cristo, isso não o traria nem sequer um milímetro mais próximo do reino de Deus. Por que não? Porque a ressurreição seria vista como uma *monstruosidade* (palavra sua). O incrédulo admite que coisas estranhas ocorrem no universo. Todos os tipos de “milagres” acontecem. Por que então não deveriam existir também ressurreições aleatórias, aqui e acolá? Assim, mesmo que os escritores bíblicos estivessem certos sobre a ressurreição, isso não provaria nada. Monstruosidades ocorrem. Como Van Til escreve: “A ressurreição de Jesus seria um item legal para o *Acredite ou não* de Ripley. Por que não incluí-la?” O que é realmente necessário? Convença o incrédulo que a Bíblia é uma autoridade auto-autenticadora e que tanto os seus milagres como interpretações daqueles milagres são infalíveis. Então o incrédulo será convencido que Jesus não somente ressuscitou dentre os mortos, mas que ao ressuscitar, Ele justifica pecadores e foi declarado ser o Filho de Deus com poder (Rm. 1:4; 4:25).

Metodologia Casa de Tijolo

Cada fato no universo de Deus é como um tijolo que usamos para construir nossa casa. Mas quando perdemos de vista o desenho geral, ou seja, que *todos* os fatos são fatos criados por Deus e inteligíveis somente em termos de Deus, caímos no pecado da metodologia casa de tijolo.⁵ Um exemplo justo é Eva quando ela foi enganada e comeu do fruto proibido. A estratégia de Satanás foi lisonjeá-la para que ela analisasse o *tijolo* (neste caso, o fruto proibido) em termos de sua própria racionalidade autônoma. Ela tentou interpretar o “tijolo” à parte da interpretação infalível de Deus sobre a *Árvore toda*. Portanto, ela foi uma presa fácil para Satanás. O incrédulo tem um problema similar; Camus (segundo se informa) disse que se houvesse sequer um fato no universo que tivesse significado, então tudo estaria perdido (a partir de um ponto de partida filosófico existencial).

O Filho Pródigo

A Parábola do Filho Pródigo talvez fosse a metáfora bíblica mais popular de Van Til. Ele usava o Pródigo como uma ilustração da inabilidade do violador do pacto de abafar a voz do Deus vivo. Sua metáfora do “capital emprestado” foi provavelmente extraída dessa história, também. Van Til escreveu: “Quando o Pródigo deixou a casa do seu pai, ele não poderia apagar imediatamente da sua memória o olhar e voz do seu pai. Como aquele olhar e voz voltavam-lhe quando estava no chiqueiro dos porcos! Quão difícil foi

⁵ No glossário que John Frame fornece para os termos usados por Van Til, encontramos a seguinte explicação para *blockhouse methodology*: “Uma abordagem apologética que começa com crenças supostamente mantidas em comum entre crentes e incrédulos, e então tenta esse terreno comum com verdade adicional. Van Til encontra essa metodologia na distinção que Aquino faz entre razão natural e fé, e em outras formas de “apologética tradicional”. (N. do T.)

tentar viver como se o dinheiro com o qual ele tão livremente divertia seus 'amigos' não tivesse vindo do seu pai! Quando indagado de onde era, ele responderia que tinha vindo 'do outro lado'. Ele não queria ser lembrado do seu passado, todavia, não podia esquecê-lo. Era necessário um ato constante de supressão para esquecer o passado. Mas esse próprio ato de supressão mantia viva a memória do passado”.

Resumindo, a tentativa fútil do Pródigo de apagar a voz do seu pai era como o empregado demitido de Immanuel Kant, que tinha estado com ele por anos. Irado, Kant escreveu um famoso registro em seu diário: “Lembre-se, de agora em diante o nome de Lampe deve ser completamente esquecido”.

As ilustrações de Van Til eram sempre discretas, o que torna as mesmas ainda mais eficazes. Ele não era um pregador ou teólogo “arranha-céu”, especialista em estórias. Todavia, era sábio o suficiente para saber os limites de sua audiência, especialmente quando estava criticando conceitos filosóficos difíceis de pecadores autônomos, para quem tudo era amarelo e, dessa forma, confuso.

Sobre o autor: Jim West tem pastoreado a Covenant Reformed Church em Sacramento nos últimos 18 anos. Ele é atualmente Professor Associado de Teologia Sistemática e Pastoral no City Seminary, em Sacramento. É o autor dos seguintes livros: *The Missing Clincher Argument in the Tongues' Debate*, *The Art of Choosing Your Love*, *The Covenant Baptism of Infants*, e *Christian Courtship Versus Dating* Seu último livro é *Drinking with Calvin and Luther!*

Fonte: *Faith for All of Life*, Fev. 2004, p. 6-7, 28.